

TRÊS HOMENS EM TÓQUIO

de José Rubens Siqueira

Original depositado na Biblioteca Nacional sob número 583856

Para Renato Brandão

Mesa e quatro cadeiras desmontáveis de madeira, típicas de botequim.

Sobre a mesa, garrafas de cerveja, copos, aperitivos.

De um lado, um biombo de material reflexivo, um pedestal com microfone.

Em cena Nishi, 45 anos, Tomás, 47, Gustavo, 45.

Na penumbra da espera, ruídos dos preparativos de um bar antes de abrir.

A luz se acende repentinamente com uma gargalhada dos três

Os ruídos continuam em BG.

Gus bate as duas mãos na mesa e se põe de pé, quase derruba a cadeira.

GUSTAVO – Eu vou mijar. (*sai, rindo*)

Tempo breve.

TOMÁS – Nossa. Ele tá diferente.

NISHI – (*tempo breve*) É. Vinte e cinco anos depois.

TOMÁS – Vinte e três.

NISHI – (*pensa, concorda*) Vinte e três. Você... não sabia que ele era gay?

TOMÁS – (*tempo*) Hã? É o contrário: achei que ele ficou... brutalizado, machão. Não sei.

NISHI – É, o Gus faz o tipo butch.

TOMÁS – Butch?

NISHI – Não que gay tenha de ser efeminado.

TOMÁS – De açougueiro?

NISHI – É. Butch. O gay musculoso, muito macho, agressivo.

TOMÁS – Ah... Que coisa. Como é que eu nunca desconfiei?

NISHI – Ele deu em cima de você durante anos, até o fim da faculdade.

TOMÁS – Eu achava que era brincadeira. Meio besta, mas brincadeira. Achava que ele achava que *eu* é que era efeminado. Vocês dois jogavam futebol, basquete. Eu nunca fui de esporte coletivo, gostava de música clássica, já antes da faculdade ia ver ópera em São Paulo.

NISHI – É. A gente era mais homem que você.

Riem.

TOMÁS – Mas senti ele triste também. Impressão minha?

NISHI – Não. O Gus tá deprimido. Acabou de perder o companheiro.

TOMÁS – Puxa vida! Acidente, doença?

NISHI – Um negócio complicado. Era um rapaz um pouco mais novo que ele trouxe do Brasil. Negro. Imagine a dificuldade pra ele se adaptar em Xangai sem falar chinês, sem nenhuma atividade, sem conhecer ninguém além do Gus.

Que trabalha 30 horas por dia. Não tinha como dar certo. Mas é melhor ele te contar a história.

TOMÁS – Será? Uma coisa tão íntima depois de 20 anos sem a gente se ver?

NISHI – Vinte e três. Ele não tem esses problemas, não. Você viu. Continua extrovertido, todo pra fora.

TOMÁS – Mas o que que aconteceu? Me conte você.

NISHI – (*hesita, breve tempo*) Ele voltou de uma viagem antes da hora e pegou o rapaz na cama deles com uma mulher.

TOMÁS – Putz!

Gus volta.

NISHI – Gus, o Tom não sabia que você era veado.

TOMÁS – (*corrige, um pouco encabulado*) Gay.

GUSTAVO – Gay, não. Eu não sou gay. Sou veado.

TOMÁS – Não entendi. Tem diferença? Não é só um nome, mais ofensivo, menos ofensivo?

GUSTAVO – Não tem nada de ofensivo. Eu não aceito essa patrulha, que me digam qual palavra pode usar, qual não pode. Gay é uma atitude de vida social... é... uma identidade pública... é quem defende uma bandeira, assume, sai do armário. Os caras querem casar, adotar criança, essas coisas. Direitos iguais homo e hétero.

TOMÁS – E você não quer isso? Não acha certo, direitos iguais?

GUSTAVO – Não tem nada a ver. Eu nunca estive no armário. Sempre fui o que eu sou. Ninguém tem nada com isso, nem precisa saber da minha vida. Não tenho de dar satisfação. Eu não quero brincar de casalzinho, de marido e mulher. Eu gosto de homem. Não suporto esse papo de cena gay, se vestir de gay, bar gay, restaurante gay, passeata gay, orgulho gay... Acho gay a maior veadagem.

Risos.

NISHI – Eu não concordo com você, não. A gente já falou disso.

GUSTAVO – (*para Tom*) E você?

- TOMÁS – Digamos que eu não estou capacitado pra discutir o assunto.
- GUSTAVO – Sei! Tá bom! Vai me dizer que nunca nem pensou em transar com homem?
- TOMÁS – Ih, você é daqueles homossexuais que acha que todo homem gosta é de homem só não descobriu ainda?
- GUSTAVO – E não é assim?
- TOMÁS – Não.
- GUSTAVO – Ah, vá!
- TOMÁS – Claro, eu sou capaz de perceber se outro homem é atraente. Sexualmente atraente. Mas isso não quer dizer que eu vou lá, transar com ele.
- NISHI – Quem você acha atraente?
- TOMÁS – Hum... O Brad Pitt é um homem bonito.
- GUSTAVO – Então. Você não apalpava aqueles muque dele, aquela bunda redondinha do filme... como é mesmo? aquele histórico, grego?
- NISHI – *Tróia.*
- GUSTAVO – Isso.
- TOMÁS – Eu... acho bonito.
- GUSTAVO – Ninguém falou de beleza.
- TOMÁS – Toda beleza me comove.
- GUSTAVO – *(ri)* Ô, falou bonito, doutor, mas a gente tá falando de tesão.
- TOMÁS – Confesso, posso até pensar em dar uma “apalpada”, como você diz. Mas me dá meio nojo de pensar em beijar ele na boca, de língua.
- GUSTAVO – Vai me dizer que você nunca teve uma atração homossexual mesmo? Nunca fez um troca-troca quando era menino, adolescente? Não vem não.
- TOMÁS – No começo da adolescência, antes de conhecer vocês, tinha concurso de punheta na escola. Pra ver quem gozava mais longe. Mas isso não quer dizer que eu sentisse tesão pelos outros caras.
- GUSTAVO – Ah, mas tá ali dois, três caras, de pau duro tocando punheta, vai dizer que não era excitante?
- NISHI – A situação em si já é carregada de sexualidade.
- TOMÁS – Claro. Mas não é recíproco.
- GUSTAVO – Sexo grupal. Só entrava pro grupo os mais bonitinhos?
- TOMÁS – Não era beleza o critério, não.
- GUSTAVO – Jura? *(irônico)* A beleza que comove.
- TOMÁS – Talvez fosse. Meio inconsciente.

NISHI – E quem eram os bonitos?

TOMÁS – Ah, não sei. Não sei dizer o que era atraente pra mim naquela época.

GUSTAVO – E agora? Sabe?

TOMÁS – Agora? Olha. Aqui no Japão, a beleza tá entranhada na cultura, no dia a dia. Até a comida, mesmo em restaurante popular, tem uma apresentação caprichada. Viajei de carro com o pessoal do congresso e os banheiros de beira de estrada tinham um vasinho de flor em cima do mictório. Sinto isso nas pessoas também. E isso pra mim é atraente. Eu sinto que... aqui a diferença física entre os sexos é pequena. Os rapazes e as moças são igualmente atraentes: a pele lisa, a musculatura mais arredondada, os traços delicados...

NISHI – Você sente atração? Por ambos os sexos?

TOMÁS – Atração? Não sei se eu diria isso... Não é tesão. É. É uma vaga atração.

GUSTAVO – Taí: já é um primeiro passo. Se quiser te levo num lugar pra você escolher: tem rapazes e moças disponíveis para encontros. (*para Nishi*) “Rapazes e moças”, Nishi! “Homossexuais”! O cara fala que nem romance do século dezanove.

TOMÁS – (*ri*) Putz! Parece que voltamos vinte e cinco anos no tempo.

NISHI – Vinte e três.

TOMÁS – (*para Nishi*) Ele vai pegar no meu pé de novo do mesmo jeito?

GUSTAVO – Não é um puteiro. É um local de “encontros”. A gente pode ir lá.

TOMÁS – Até topo acompanhar vocês, mas não vou sair com ninguém.

NISHI – Por que? Não quer trair sua mulher?

TOMÁS – Não. Não por causa dela. Por minha causa. Não é pelo outro que você é fiel. Você é fiel por si mesmo.

NISHI – (*ri*) O Gus tá te gozando. Não existe nenhum lugar assim em Tóquio. Tem uma vida gay, claro, mas não é assim aberta e misturada.

GUSTAVO – Você é que é muito fechado, Nishi. Tem, sim. Não lembro direito onde é, mas já fui lá.

NISHI – Não. Acho que você tá confundindo com alguma outra cidade da Ásia. Esse mercado da carne não é aberto no Japão. Não chega a ser reprimido, é mais discreto, mais velado.

Ruído forte de louça e vidro caindo fora de cena.

Nishi olha e se levanta.

NISHI – Vocês me dão licença? Ainda falta um pouco pra abrir, mas tenho de resolver isso aí. (*sai*)

TOMÁS – O Diego me disse que você viaja muito pela Ásia, Gus.

GUSTAVO – Quem?

TOMÁS – (*aponta para fora de cena*) O Diego.

GUSTAVO – (*ri*) Porra, cara, faz anos que nem lembro o nome dele. No Japão, as pessoas se chamam pelo sobrenome.

TOMÁS – Claro!

GUSTAVO – Pra mim ele virou Nishi e só. Diego Nishi. Cara, eu nem lembrava! Diego! Caceta, como a gente esquece dessas coisas?

TOMÁS – É.

GUSTAVO – Bom. Voltando: eu viajo muito, sim. Minha sede é Xangai. Mas eu giro bastante. Importação, exportação. Você sabia, não sabia?

TOMÁS – O Diego... O Nishi me contou brevemente.

GUSTAVO – Coréia do Sul, Japão, Taiwan, Filipinas, Indonésia, às vezes Vietnã, Hong Kong...

TOMÁS – E você importa e exporta o quê?

GUSTAVO – De tudo, Tom. Exportação é principalmente roupa. Mas o que pintar eu mando ver: matriz pra disco digital, um ou outro eletrodoméstico, louça... Coisas de pequeno porte. Mas eu sou arraia miúda. Nem tenho contato com os grandes que importam soja, petróleo bruto do Brasil... Na importação, eu só chego no frango. Sempre fui galinha, na importação de frango do Brasil eu ainda arrisco um pouco. Mas tem os donos de cada mercado. É meio uma guerra.

TOMÁS – Então você tá sempre com o Diego aqui em Tóquio? Com o Nishi?

GUSTAVO – Pelo menos uma vez por ano. Às vezes mais, às vezes menos. Mas não perdemos o contato. Só você que ficou longe. É a primeira vez que você vem pro Japão?

TOMÁS – Primeira vez.

GUSTAVO – E vai ficar só aqui?

TOMÁS – Não. Quer dizer, até ir embora, sim, fico só em Tóquio. Mas eu vim pra um congresso em Kyoto. Dei um giro mais para o sul: Nara, Osaka. Queria ir até Hiroshima, mas não deu tempo.

GUSTAVO – Congresso de quê?

TOMÁS – De antropologia. Sobre as migrações asiáticas, especificamente do Japão.

GUSTAVO – Ah, é. O Nishi me contou. Interessante: influência do japonês no Peru e na Amazônia.

TOMÁS – É. Da língua.

GUSTAVO – Porra, cara, que legal. Eu sempre achei que japonês falando parece índio brasileiro.

TOMÁS – É mesmo?

GUSTAVO – Juro mesmo. Você fala japonês?

TOMÁS – Muito pouco. Precisa conviver todo dia pra assimilar uma língua tão diferente da língua da gente. Eu aprendo e esqueço, aprendo e esqueço. Você evidentemente fala chinês.

GUSTAVO – Porra, depois de 20 anos na China tinha de falar, né?

Nishi volta e senta-se.

GUSTAVO – Que coisa, né? A gente era tão grudado na escola, na faculdade. Aí se formou e puf! foi cada um pra um lado. De nós três só você continuou na sociologia. Virou acadêmico? Pós-graduação, mestrado, doutorado, livre docente, essas coisas todas?...

TOMÁS – *(pausadamente, desconfiando de uma ironia)* Essas coisas todas. *(para Nishi)* Você chegou a fazer mestrado, não?

NISHI – Comecei, mas não era a minha. Pra falar a verdade, nem sei porque fui fazer Sociologia e Política. Mesmo. Influência da época, acho. E aí, logo fui pra Inglaterra.

TOMÁS – Você não quis nem saber, né, Gus?

GUSTAVO – Deus me livre. Não suporto instituição. Sou livre atirador. Lobo solitário. No trabalho e na vida.

TOMÁS – Como você veio parar na China?

GUSTAVO – Sexo.

Riem.

TOMÁS – Como assim?

GUSTAVO – Quando a gente terminou a faculdade eu não aguentei a caretice. Um cara que eu estava transando na época ficava falando que no mundo árabe, como as mulheres são reprimidas, amor de homem com homem é liberado. Eu fui pro Egito conferir.

NISHI – Não sabia desse pedaço, Gus.

TOMÁS – Ué, pelo que eu sei quase todos os países árabes têm legislação contra a homossexualidade. Em alguns, tem até pena de morte pra gay. Pra... veado.

GUSTAVO – Tem mesmo. Mas a teoria na prática é outra. Os caras têm que trepar, trepam entre eles. É comum... era, pelo menos, quando eu estava lá. Um cara mais velho, casado, com filho, ter um “amigo” mais novo. Que levava pra dentro de casa e tudo. Às vezes, morava com a família até casar e virar ele o homem mais velho com um amante mais novo.

NISHI – Como na Grécia clássica.

GUSTAVO – É. O amor de verdade mesmo é entre homens. Amar muito uma mulher deixa o homem efeminado.

TOMÁS – Será que ainda é assim?

GUSTAVO – Às vezes, o novinho casa com uma filha do amante mais velho. Mas tudo por baixo do pano, sem veadagem. Como eu gosto. Coisa de macho.

Riem.

NISHI – Curioso que o Japão também tem essa tradição, mais ou menos do mesmo jeito, desde a idade média: o amor entre um samurai mais velho, e o aprendiz mais novo. Tem um livro... do século dezessete, acho, *Wakashudō, Caminho da juventude* é. *Shudō* era a homossexualidade entre os samurais. *Ai to wa jinsei de saikō no mono no hitotsudeari, watashi wa Nihon no idaina samurai ni aisaretai. Moshi dare mo itoshite kurenai nonara, watashi no utsukushī kao o nikumudarou.* “Quero ser amado por algum samurai notável do Japão, já que o amor é uma das melhores coisas que temos nesta nossa vida. Se ninguém me amar, odiarei este meu belo

rosto.” Depois, com a chegada dos ingleses puritanos o costume desapareceu.

TOMÁS – Junto com os samurais

NISHI – Mas o Japão ainda é tolerante com a homossexualidade. Bom... até certo ponto: pelo menos não tem ninguém matando gay na rua.

GUSTAVO – Pô, igual no Egito. Parece que até no Alcorão tem verso louvando o amor entre homens. Não sei. Não tive saco de procurar. Mas oficialmente não tem tolerância, não. Esse que é o negócio que eu digo: ser veado lá, se você fica na sua, tudo bem. Mas se o cara sai de gayzinho, sai do armário pra mostrar que é veado, e isso que é gay, sair do armário pra todo mundo ver que tu é veado, aí o pau vai comer. Com perdão do trocadilho.

NISHI – Mas não foi por isso que você foi embora do Egito.

GUSTAVO – Não. Lá eu me dei bem. Transava com uns bigodudos mais velhos que eu e com uns novinhos que ainda não tinham dono. Comecei a mexer com importação e exportação pra ganhar a vida. Mas não tinha permissão de trabalho então tinha de sair do país de vez em quando pra voltar depois. Nessas comecei a ir pra China. E acabei achando um jeito de ficar, porque a China é um país de exportadores.

NISHI – O futuro império global. Quando acabar o império do país sem nome.

GUSTAVO – Como é?

NISHI – Estados Unidos não é nome. É descrição. Por isso que pegaram o nome do continente pra eles, América. Até o império desmoronar, e a China subir.

GUSTAVO – Ah, mas não acredito mesmo! A China nunca vai ser o novo império igual o imperialismo inglês do séc. XIX. Ou americano do sec. XX. Se um dia for o novo império dominante, vai ser de um jeito completamente diferente, porque chinês é um povo escravo. Eles dominam pela submissão, com uma violenta arrogância interna. Extrema mesmo.

NISHI – Não sei se eu concordo, Gus. Que vai ser diferente, vai. Mas a base vai continuar sendo o mercantilismo, o domínio do dinheiro acima de todas as coisas.

TOMÁS – O tempo dirá. Em termos de sociologia e política as variantes hoje são tão numerosas que não dá pra prever nada. Estamos em pleno caos.

GUSTAVO – Nunca dá pra prever nada. A história não é uma ciência exata.

Breve pausa silenciosa. Tomam um gole de cerveja.

TOMÁS – E você, Nishi? Como veio parar no Japão?

NISHI – *(breve pausa)* Sexo.

Riem.

TOMÁS – Antes de você me descobrir na lista do congresso, a última coisa que eu sabia de você era que tinha mudado da Inglaterra pra Austrália.

NISHI – Eu fiquei pouco na Inglaterra.

TOMÁS – Sentiu alguma discriminação lá? Por ser oriental?

NISHI – A Inglaterra sempre foi xenófoba. Senti um pouco, sim. Mas não muito. Menos que com negros e árabes. Essa invasão de estrangeiros lá ainda não era tão aguda como agora. E eu não sou tão japonês assim.

GUSTAVO – Cara! Tu é japa pra caralho.

NISHI – Acho que fiquei mais japonês quando vim pra cá. Enfim, não foi por isso que eu fui pra Austrália. Foi mais complicado que isso.

GUSTAVO – Adoro essa história. Conta, conta.

NISHI – Em Londres, eu me apaixonei por um australiano.

TOMÁS – Ah.

NISHI – Casado, tinha acabado um estágio em Cambridge, ia voltar pra Austrália. A relação comigo foi uma retomada, pra matar saudade, ele tinha transado com homem antes de casar. Era pra terminar ali, mas eu fui atrás dele. Ele me hospedou na casa dele, “amigo brasileiro que eu conheci em Londres” e tal e eu fui ficando. Me enfiei no meio do casal, transava com os dois sem um saber do outro e claro que não deu certo. Quando ele descobriu, quebrou tudo. Não sei como não bateu em mim e nela. Os australianos são bem violentos. Ele foi embora. Eu fiquei. Aí, ele acabou voltando, propôs da gente ficar os três juntos. Ela topou, eu topei. Mas... Bom: não rolou. Eu resolvi ir embora. Ela quis ficar. Eu não queria voltar pro Brasil, nem pra Inglaterra. Vim pro Japão. Já falava a língua, tinha cidadania por causa dos meus avós, me dei bem.

TOMÁS – E abriu direto este bar?

- NISHI – Não. O bar foi depois de uns sete, oito anos. Comecei dando aula de inglês. De vez em quando, de português. Este predinho aqui era de um tio meu que não tinha filhos. Deixou pra mim. Pensei em vender, porque vale uma grana, viajar com o dinheiro. Voltar pro Brasil quem sabe. Mas eu quis ficar. Aí, achei um jeito de ir e ficar: abri isto aqui, o Cantinho do Brasil *Burajiro no kóo-naa*. Karaokê de música brasileira.
- GUSTAVO – Pena que em japonês perde o trocadilho, né? Cantinho de canto, música, e de recanto.
- TOM – É. Mas o nome é bom. Deve ser atraente, não?
- GUSTAVO – Ka-ra-o-ke quer dizer o que mesmo?
- NISHI – Orquestra vazia.
- TOMÁS – Como é?
- NISHI – *Kara* é vazio. *Ooquesutora*, orquestra.
- TOMÁS – Orquestra vazia. Que curioso. Eu não sabia.
- GUSTAVO – Nem eu.
- NISHI – Você casou, não foi, Tom?
- TOMÁS – Casei.
- GUSTAVO – Com homem ou mulher?
- TOMÁS – O que você acha?
- GUSTAVO – Mas demorou pra se amarrar?
- TOMÁS – Eu... com trinta e três. Não é muito tarde.
- GUSTAVO – Foi difícil largar da putaria?
- TOMÁS – Até que não. Digamos que eu alternava relações estáveis com períodos de promiscuidade.
- NISHI – Quantas relações estáveis?
- TOMÁS – Duas antes de casar.
- GUSTAVO – Eu sou chegado numa “promiscuidade”, mas tenho inveja de quem consegue ter uma relação estável que dure bastante.
- NISHI – E viveram felizes para sempre.
- GUSTAVO – Só não consigo ser fiel que nem você. O outro tem que ser, mas eu preciso de um pouco de putaria de vez em quando.
- NISHI – Quanto tempo?
- TOMÁS – Que estou casado? Catorze anos.

GUSTAVO – Puta que o pariu! Catorze anos fodendo com a mesma pessoa? Você nunca deu nem uma bimbada fora do casamento?

TOMÁS – Não.

NISHI – Mesmo?

GUSTAVO – Sei. Tua mulher tá sempre ali quando você quer. E quando ela não quer, dá uma “mãozinha”.

TOMÁS – Não é bem assim. Com o tempo acho que o sexo vai pro lugar. Não é mais tão central na relação.

GUSTAVO – Nem uma punhetinha? Teve um tempo que teu apelido era Tomás Turbando. Lembra? Vai dizer que você não se masturba?

TOMÁS – Depois de adulto não. Sempre que quis, procurei companhia. Depois de casado...

GUSTAVO – Vai me desculpar, mas eu não acredito. Na faculdade você não perdoava uma. Passou na cara todas novinhas da Sociologia e Política.

NISHI – E mais umas de Letras e Pedagogia.

TOMÁS – Ah, não era tanto assim.

GUSTAVO – Você era o mais bonitinho. Só eu que nunca tive chance. (*risos*)

NISHI – Quem comia todas mesmo era o Zé. Ele é que era o mais bonito.

GUSTAVO – Porra! O Zé! Quem diria que ele ia virar ator famoso, hein?

TOMÁS – E morrer tão cedo...

Tempo de silêncio.

TOMÁS – (*um pouco alarmado*) Vocês sabiam, não?

NISHI – Eu soube, sim.

GUSTAVO – Eu também.

NISHI – Muito triste.

Tempo.

GUSTAVO – (*para Tomás*) Você ainda tinha contato com ele?

TOMÁS – Tive. Uma ou duas vezes. Mas não era a mesma coisa. Quando a pessoa chega nesse nível de fama muda tudo. Ele foi bacana quando a gente se

encontrou, demos muita risada. Mas... não retomou. (*baixo, quase para si mesmo*) Tem amizade que não retoma.

NISHI – Os três mosqueteiros.

GUSTAVO – Cara! Pode crer! Nós quatro, os três mosqueteiros! Eu tinha esquecido!

NISHI – (*irônico*) Bons tempos aqueles...

GUSTAVO – Porra, Nishi! Falou o velho!

NISHI – A gente tá ficando velho! Ou não?

TOMÁS – Mas se diverti muito junto. O Zé cantava bem pra burro.

GUSTAVO – E você tocava violão, Nishi!

NISHI – Ainda toco. Por isso que abri o karaokê. Por causa da música.

TOMÁS – Toca pra gente, Diego... Nishi.

Nishi sai.

GUSTAVO – O Zé... Foi esquisito ele largar a faculdade no último ano pra trabalhar no teatro. Você não achou? Sem contar nada pra ninguém antes. A gente ficou meio abandonado, não foi? Ou fui só eu?

TOMÁS – Não. Foi difícil de entender mesmo. Acho que a gente só entendeu quando ele começou na televisão.

GUSTAVO – Ele era bom. Puta ator. Mesmo numas novelas de bosta ele era bom. (*ri*) Puta que pariu, aquelas paródias ridículas que a gente fazia. Que ele fazia. Lembra?

NISHI – (*volta com um violão, já cantando*) Minha alma canta, vejo o Rio de Janeiro. Estou morrendo de saudade (*Gustavo canta junto*) Rio seu mar, praia sem fim, Rio você foi feito pra mim. (*os três juntos*) Cristo rebentou, cacos à beça sobre a Guanabara...

Breve riso. Um silêncio triste.

TOMÁS – O Zé...

Tempo.

GUSTAVO – *(foge da emoção)* Tinha outras piores. O Hino aquele... Da independência, não era?

NISHI – Do exército. Era o hino do exército.

GUSTAVO – Coisa de colegial, cara! Provocação pura.

NISHI – Era perigoso.

TOMÁS – Exército é sempre perigoso.

NISHI – *(toca, cantam juntos)* Arroz comemos com feijão,
a pinga bebemos com limão,
porém se a pátria amada precisar da macacada,
puta merda que cagada.

TOMÁS – Que delícia! Que bobagem! A meninada de hoje não ia achar a menor graça. Ninguém mais ensina hino na escola. A gente sabia todos.

GUSTAVO – Tinha de saber.

NISHI – Recordar é viver.

GUSTAVO – *(dá uma porrada de brincadeira em Nishi, mas forte)* Vai se foder, Nishi!
Parece uma tia velha.

Nishi toca outros acordes.

NISHI – Canta aí, Tom. Você não é Jobim, mas com esse nome tem que cantar.
Pelo Zé, vai.

TOMÁS – Ah, não! Eu não canto mais nem... nem no chuveiro.

GUSTAVO – *(começa, os outros acompanham aos poucos, cantam juntos, os três)*

Eu tenho uma casinha lá na Marambaia
fica na beira da praia
só vendo que beleza.
Tem uma trepadeira que na primavera,
fica toda florescida de brincos de princesa.
Quando chega o verão, eu sento na varanda
pego meu violão, começo a tocar.
Minha morena que está sempre bem disposta
senta ao meu lado e começa a cantar.
E quando chega a tarde um bando de andorinhas
voa em revoada fazendo verão.

E lá na mata o sabiá gorjeia
 linda melodia pra alegrar meu coração.
 E às seis horas o sino da capela
 bate as badaladas da Ave Maria.
 A lua nasce por detrás da serra,
 anunciando que acabou o dia.

Tempo. Silêncio.

TOMÁS – *(para Nishi)* Você tem saudade.

NISHI – Tenho.

GUSTAVO – E você? Tem casa na praia?

TOMÁS – Tenho.

GUSTAVO – Tem filho também?

TOMÁS – Dois. Um menino e uma menina.

GUSTAVO – Os dois “normais”, claro.

TOMÁS – Ô Gustavo, não precisa dessa ironia. Eu sou aberto o suficiente pra aceitar o que eles quiserem. Meu filho...

NISHI – Quantos anos?

TOMÁS – Doze. Num almoço, uma amiga da minha mulher perguntou se ele era *muito* homem. Ele respondeu com a maior tranquilidade: “não. Sou só *um* homem.” A gente riu e tudo, mas ela insistiu: “e já tá namorando?” Mais tranquilo ainda ele falou: “não, ainda é cedo pra resolver. Mas se for pra ser com mulher, vai ser com fulana, se for pra ser com homem vai ser fulano”.

GUSTAVO – E você ficou chocado?

TOMÁS – Não, não fiquei chocado. Fiquei um pouco... perplexo talvez.

NISHI – Não mesmo?

TOMÁS – *Eu* não tenho nenhum problema com sexualidade.

GUSTAVO – Nem eu, se é isso que você tá insinuando.

TOMÁS – Ele vai ser o que ele escolher.

GUSTAVO – Escolher... Você acha que isso se escolhe?

NISHI – Você acha que o sujeito já nasce homossexual, Gus?

GUSTAVO – Quero ouvir primeiro o nosso amigo “normal” aqui. Fala, Tom.

- TOMÁS – Eu acho que existe uma possibilidade da homossexualidade ser não uma escolha, digamos, mas um... condicionamento...
- GUSTAVO – Ah, pelo amor de Deus, não me venha com uma porra dessas.
- NISHI – Você acha mesmo que é inato? Quem é veado nasce veado? E só?
- GUSTAVO – É. Só. (*para Tomás*) Ou vocês vão apelar pra teoria psicológica de que... da mãe, da mãe possessiva que gera homossexualidade nos filhos?
- NISHI – Coitadas das mães.
- TOMÁS – Pra falar a verdade, não sei se a homossexualidade é inata ou adquirida. No fundo, pensando bem, eu acho que existem os dois tipos. Acho que tem gente que nasce homossexual. É inescapável. Talvez sejam... essas pessoas é que acabam indo pro transgênero.
- GUSTAVO – Porra, não fala besteira meu. Transgênero não tem nada a ver com homossexualidade. É outra coisa! É doença.
- TOMÁS – Essa questão da origem da homossexualidade, tem uma teoria...
- NISHI – A mãe poderosa do Jung...
- GUSTAVO – Que que é isso? Eu não sei..
- NISHI – O filho homem da mãe muito dominante, de duas uma: ou é Don Juan, come todas as mulheres porque nenhuma é igual à mamãe. Ou é homossexual: não come nenhuma porque nenhuma é igual à mamãe.
- GUSTAVO – Porra! Babaquice!
- NISHI – Você acha mesmo babaca?
- GUSTAVO – Se você conhecesse a minha mãe...
- TOM – Teoricamente faz sentido. Mas não explica nada.
- NISHI – O que eu acho mesmo é que todo mundo tem os dois sexos. A gente é filho de um homem e de uma mulher: metade dos cromossomas de um, metade do outro.
- GUSTAVO – Hum... Defesa da causa, Nishi?
- NISHI – Aí o condicionamento social, familiar pode determinar alguma coisa. Mas não acho que tudo. A gente nasce homossexual ou nasce heterossexual.
- GUSTAVO – Diz o bissexual. Você tem o melhor de dois mundos, cara. Até no nome: di-ego. Dois ego. Até em japonês. *Nishi* é duas escolhas, não é?
- NISHI – Também. Mas eu gosto mais do sentido dois solstícios.
- GUSTAVO – De qualquer jeito é dois.

TOMÁS – É. No fundo, a sexualidade é muito variada, né? Dependendo do condicionamento...

GUSTAVO – Condicionamento! Caralho! Não acredito que um doutor da universidade diga uma asneira dessas. Vai dizer que veado tem cura? Que anão tem cura? Quem é, é. Quem não é, não é.

TOMÁS – Recolha as garras, Gustavo.

GUSTAVO – Gustavo o caralho! *(dá um soco de brincadeira, mas forte, no ombro de Tom)* Gus. Me chamam de Gus. *(outro soco)*

TOMÁS – Para, cara!

NISHI – Ô, Gus...

GUSTAVO – É. *(soco)* É quase “cus”. *(soco)* E eu gosto.

TOMÁS – Para com isso, porra! *(afasta com força o punho de Gustavo)*.

Gustavo se levanta, possesso, para dar um soco em Tom. Tom se levanta, derruba a cadeira. Nishi também se levanta, o soco acerta seu rosto, mas sem força.

TOMÁS – *(muito bravo, grita)* Para com isso, Gus. Que babaquice! Para!

GUSTAVO – *(para Nishi, imediatamente arrependido)* Porra! Machucou? Desculpa.

NISHI – Tudo bem.

GUSTAVO – Desculpa você também, Tom. Eu...

Sentam-se os três. Silêncio. Longa pausa.

GUSTAVO – Babaquice é três caras quase de meia idade achando que sabem tudo de sexo. Ultrapassados. A gente tá ultrapassado.

NISHI – Eu... acho que entendo o que o Tom quer dizer.

GUSTAVO – Eu não entendo, não. Quase todo filme, teatro, livro sobre homossexual, tem sempre um travesti. Os filmes do Almodóvar. Parece que tem um travesti em cada esquina.

NISHI – Acho que são coisas diferentes, Gus. Sexualidade e gênero.

GUSTAVO – Ah, não. Eu não quero nem entrar nessa história de transgênero. Essa história do cara se sentir... uma mulher presa num corpo de homem...

NISHI – Ou um homem preso num corpo de mulher.

- GUSTAVO – É, essa piração aí. Não dá. É capricho. É doença mental. Nasceu homem, pode cortar o pau, operar pra ter buceta, o DNA vai ser sempre de homem. Ou de mulher. Só tem os dois. DNA não muda, cara!
- NISHI – Pode esbravejar o quanto quiser, Gus, mas sexualidade e gênero são duas coisas diferentes.
- GUSTAVO – Não são! Isso é modernismo babaca. Liberalismo torto. Homem nunca vai ser mulher, mulher nunca vai ser homem, porra. Porra! Essa história me deixa puto.
- NISHI – Bobagem sua.
- TOMÁS – Nas sociedades arcaicas...
- GUSTAVO – Lá vem teoria. Fala doutor.
- TOMÁS – Engraçado você dizer isso, vivendo na China, vindo ao Japão todo ano.
- GUSTAVO – Que que tem a ver?
- TOMÁS – Nas sociedades tradicionais sempre teve espaço para a transexualidade.
- NISHI – Para o transgênero. Que nem sempre é transexual.
- TOMÁS – Seja. A ópera chinesa, o kabuki aqui no Japão, tem os... é... esqueci como chama, Diego.
- GUSTAVO – Nishi, cara. Nishi. Eu sei o que você tá falando. Tem na ópera chinesa também. Lá chama *nandan*. Tem umas bichas lindas!
- NISHI – *Onnagata* no kabuki. Os atores que fazem papel de mulher.
- GUSTAVO – Tô sabendo, tô sabendo. Mas isso porque a China e o Japão sempre foram uma sociedade patriarcal, machista, a mulher anda um passo atrás do homem e tal, tem que ser servil, aí os caras pegavam os garotos adolescentes pra fazer mulher. No Inglaterra do Shakespeare era a mesma coisa, não era? Mas é teatro, não é vida real.
- NISHI – Mas você sabe que no Japão era o contrário, não sabe?
- TOMÁS – Como é?
- GUSTAVO – Não. Não sei, não.
- NISHI – Quando o kabuki começou era só mulher. Elas que faziam papel de homem. Não tinha homem.
- TOMÁS – É verdade. Tô lembrado.
- NISHI – Depois inverteu. Então. O *cross dressing* sempre fez parte do teatro japonês. Que era muito popular. Talvez seja uma das razões da tolerância com a homossexualidade.

- TOMÁS – Eu não diria uma razão, mas uma expressão da tolerância.
- NISHI – Ou isso. Faz parte do mesmo espírito.
- GUSTAVO – Ó, vocês podem analisar o quanto quiserem que essa história eu não engulo. Homem é homem, mulher é mulher. E o sexo, a prática do sexo é infinita. Dá pra fazer muita variedade sem se mutilar, homem cortar o pau, mulher cortar os peitos. Isso pra mim não é e nunca vai ser normal. Será que os caras não têm mais o que pensar?
- NISHI – Gus, a questão é bem mais complicada que isso.
- GUSTAVO – E não vai resolver nunca, Nishi. Não tem solução pra preconceito. Na Rússia eles caçam e matam veado que sai do armário. Mas se o cara é esperto, tem um mínimo de bom senso, o que ele faz dentro das quatro paredes do quarto dele não é da conta de ninguém. Você acha que não tem veado na Rússia? Não tem de exigir reconhecimento da sociedade.
- TOMÁS – Será que você não está misturando as coisas? Eu acredito que a transexualidade não é busca de reconhecimento externo, social. É busca de identidade, de auto reconhecimento. O cara, a menina se sente do outro sexo desde que nasceu. Eu não estou bem informado, mas acho essa problemática muito... delicada, complexa, muito sutil. Acho que sempre existiu gente assim e pela primeira vez se fala abertamente disso.
- NISHI – No ocidente, né? Porque na Índia sempre existiram as hijras.
- GUSTAVO – *(cada vez mais irritado)* Eu sei. Eu estive lá mais de uma vez. Cansei de ver porrada de hijra na rua. Hijra é travesti que vive da prostituição. Eles...
- NISHI – Elas.
- GUSTAVO – Eles vivem em comunidade. Diz que até um opera o outro, tem bicha que morre de hemorragia, de infecção. É tudo torto, cara. Não tem como defender isso aí.
- NISHI – Acho que você está mal informado, Gus. A hijra vem da tradição do eunuco. Desde milhares de anos. Tem mãe que entrega o filho pra ser castrado.
- GUSTAVO – *(incrédulo)* Ainda hoje? Nem vem!
- NISHI – E nem toda hijra é prostituta. Hoje tem hijra na política, na educação, em todos os campos.
- GUSTAVO – Não foi o que eu vi. O que eu vi foi uns cara feio pra caralho, super maquiados, tudo exagerado, desmunhecando na rua feito palhaço de circo,

arremedando mulher. E mal, se você quer saber. Eu nunca que comia uma bicha dessas.

NISHI – Bom, mas entre o *cross dressing* e o transgênero tem muita coisa hoje, Os americanos...

GUSTAVO – Que adoram permissividade...

TOMÁS – Concordo. O puritanismo reage com permissividade.

NISHI – Os americanos têm um glossário pras variantes de gênero. Tem não bin...

GUSTAVO – Lá vem aula.

NISHI – Tá chato? A gente muda de assunto.

TOMÁS – Não, não. Continue.

NISHI – Eu não sei tudo, porque tá mudando toda hora, é muito novo. Tem não-binário, gênero fluido, bigênero, agênero, transgênero e uns que não dá pra traduzir: *queer*, o termo geral pra quem não se encaixa nas diferenças de gênero. *Agender*, assexuado. Ou neutro, porque não tem a ver com sexo. *MTF* é homem pra mulher, *FTM* é vice-versa. Cis é a pessoa que tem a mesma identidade de sexo e gênero. Mulher-mulher, homem-homem.

GUSTAVO – Eu.

NISHI – Não, Gus. Você é veado. Homossexual. Eu sou bissexual. Cis aqui só o Tomás.

TOMÁS – Não. Acho que nós três somos cis, não?

NISHI – Claro. Eu tô brincando. Apesar da atividade sexual diferenciada, nenhum de nós três tem choque entre gênero e sexo. Entende, Gus?

GUSTAVO – Três homens.

NISHI – Em Tóquio.

GUSTAVO – Depois de vinte anos.

NISHI – Vinte e três.

GUSTAVO – (*fala quase junto*) Vinte e três. Tá. E como é que você sabe isso tudo? Não vai me dizer que tá sonhando “mudar de sexo”.

NISHI – Não, Gus. Tô contente com meus dois sexos. Você não falou que eu tenho o melhor de dois mundos? Que sou dois até no nome? Eu gostei dessa leitura sua. Internet, Gus. Facebook, Instagram, Whatsapp...

GUSTAVO – Ah, sei. Eu não tenho saco pra rede social não. Orkut eu já achava uma merda. Facebook, a última vez que eu entrei, de repente vi que fazia duas horas que eu tava vendo vídeo de gatinho, foto do filhinho de um, netinho

do outro, foto de comida, cara! E ódio, muito ódio por babaquice. Gente que não sabe do que tá falando resolvendo o mundo. Igual comentarista de futebol: sempre sabe mais que o técnico, mais que o juiz. Não tenho tempo pra isso não. Eu parei no e-mail e olhe lá. Tô pensando em baixar Whatsapp, mas não sei não.

NISHI – Pois devia.

TOMÁS – A internet pode ser um bom instrumento de pesquisa, Gus. Concordo que pode acabar meio tirânica, tem gente que não desgruda do celular, no Facebook o dia inteiro.

NISHI – E tem os canais pornô. Vai dizer que você não gosta?

GUSTAVO – No começo fiquei deslumbrado. Mas enjoa. Vicia. Quem sente tesão de ver os cara batendo punheta pra câmera, trepando na tela? Pra mim tem de ser carne com carne. Tem de... ter amor. Nem que seja uma vez só, sempre tem algum tipo de amor.

Breve silêncio.

GUSTAVO – Ô loco. Quatrocentos anos sem se encontrar...

NISHI – Vinte e três.

TOMÁS e GUSTAVO – *(falam junto com ligeiro atraso)* Vinte e três.

GUSTAVO – ...e a gente fica perdendo tempo com essa babaquice fodida de gênero. de degenerado, de quem não sabe o que quer, não sabe quem é.

NISHI – Me parece que é o contrário: pessoas trans sabem exatamente quem são. O corpo delas que não sabe.

Ouvem-se os primeiros acordes de um samba. A todo volume.

NISHI – *Bóryumu ga urussai yo! Sono supika ga naota houga ii.*

GUSTAVO – *(para Tomás)* O volume tá muito alto. Tem...

TOMÁS – ...de regular essas caixas. Eu entendi.

A música para.

TOMÁS – Já vai abrir? Melhor a gente ir embora, não?

NISHI – De jeito nenhum. Não tem nada disso. A gente pode ficar aqui o quanto quiser. É uma ocasião especial. Os três mosqueteiros *ride again*.

GUSTAVO – Gostei do seu boteco, Nishi.

TOMÁS – Você nunca tinha vindo aqui?

GUSTAVO – Não, cara! Você acredita! Toda vez a gente marca, mas eu estou sempre correndo e a gente acaba se encontrando pra comer, pra beber. Passar a tarde no *onsen*.

NISHI – Você foi num *onsen*, Tom?

TOMÁS – Não deu tempo.

NISHI – Ah, então saindo daqui a gente pode ir tomar um banho. Tem um *onsen* fantástico aqui perto: piscinas imensas de água termal de verdade, vulcânica, que chega a 50 graus. Dois restaurantes, salão pra descanso. Tem gente que passa a noite até, se bebeu demais pra voltar pra casa.

GUSTAVO – Os três mosqueteiros pelados como vieram ao mundo batendo papo dentro d'água. Sem sexo. É uma boa.

NISHI – Você sabe como funciona?

TOMÁS – Mais ou menos. Sei que é um banho coletivo, diferente de sauna.

NISHI – Muito diferente. Primeiro você toma banho, nuns nichos, com uns bancos baixos.

GUSTAVO – Fica bem limpinho.

NISHI – Aí vai pras piscinas. Agora no inverno é uma delícia. Esse *onsen* que nós vamos tem uns tanques pequenos de água muito quente ao ar livre. Se começar a nevar é lindo. Você cozinhando ali dentro d'água fervendo com a neve caindo na cabeça.

GUSTAVO – Mãe brasileira ia dizer que é perigoso pegar resfriado.

NISHI – Depois você sai do banho, veste uma yukata...

GUSTAVO – (*para Tom*) Sabe o que é? Um pijaminha.

NISHI – ...tem restaurante, a gente pode comer uma coisa.

A música recomeça. Os três olham para fora de cena.

GUSTAVO – Eu quero cantar aí. Nunca cantei karaokê.

NISHI – Vai lá.

GUSTAVO – Não tem que esperar abrir esta porra?

NISHI – Se você quiser público.

GUSTAVO – Não. Quero só ver como é que é.

NISHI – Vai lá. *(para fora de cena) Tomodachi ni, ongaku o eraberu koto o missetê moratê kudasai. (Mostra pro meu amigo como escolhe a música.)*

Gustavo levanta e sai.

TOMÁS – Só tem MPB?

NISHI – *Burajiru no koo-naa.* Cantinho do Brasil. Só samba tradicional e bossa nova.

TOMÁS – Os japoneses adoram bossa nova, né? Toca em todo lugar.

NISHI – Tem uma lenda urbana aqui em Tóquio que quando entra brasileiro numa loja, botam bossa nova pra alertar contra roubo. Garota de Ipanema virou a maior dedo duro.

Gustavo volta e se coloca diante do microfone.

Soam os primeiros acordes.

NISHI – *(para fora de cena, apontando o alto) Hikari! Hikari!*

Raios de luz laser começam a girar em torno de Gustavo, refletidos pelo biombo.

Ele bate no microfone para testar. Pigarreia.

Canta, com real sentimento, na música.

GUSTAVO – Meu moreno fez bobagem
maltratou meu pobre coração
aproveitou a ausência
e botou mulher sambando no meu barracão.
Quando eu penso que uma mulher
requebrou pra meu moreno ver
nem dá jeito de cantar
dá vontade de chorar
e de morrer.
parapapá parapapá parapapá

parabadam parabadam parabadam
 E eu bem longe me acabando
 trabalhando pra viver
 por causa dele dancei...

Ele se cala, ainda tenta um som, mas é tomado pela emoção. Chora.

Cobre o rosto com as mãos.

Tomás se levanta. Nishi o contém.

NISHI – *(para fora de cena, em japonês) Ongaku to reiza o shimetê! Akeru madê ni, mou sukoshi o matemashô.*

As luzes coloridas se apagam.

NISHI – *(para Gus) Gus. Gus. Vem pra cá. Senta aqui.*

Ele vem.

GUSTAVO – Que piração, cara. Eu queria fazer graça pra vocês. Me fodi. *(chora e ri, constrangido, para Tomás) Eu tô saindo de uma relação, sabe?*

NISHI – Eu contei pra ele.

GUSTAVO – *(para fugir da emoção, mergulha numa narrativa) Não sabia que tinha me pegado tanto. Puta que pariu, acho que eu só senti essa... dor da primeira vez. A primeira paixão. Sabe? Quando você descobre o sexo? Só pensa no outro, quer ficar junto o tempo inteiro? Foi igual. Quer dizer, o fim foi. A relação não. Eu tinha catorze anos. O que que um menino de catorze anos de uma família de classe média numa cidade do interior sabe da vida? O professor de música... *(chora)**

TOMÁS – *(tenta animar, inábil) Por isso você canta bem. Estudou música.*

GUSTAVO – Porra nenhuma, cara. Professor do colégio. Minha mãe era uma megera dessas que usa a religião pra castigar todo mundo, saca? Não sei de onde tirava dinheiro, mas fez questão que eu estudasse no colégio dos padres, o melhor da cidade. Tinha música. Solfejo, canto orfeônico, uma chatice do caralho. Eu não conseguia aprender nada daquela porra daquelas pauta,

clave, o caralho, o professor... (*muito lento, baixo*) Ignácio Ugarte (*chora*)
 Noviço, filho de espanhol, dezoito anos, me chamou pra dar aula particular, sol, lá, si, mi, fá, mi, ré... de repente, falou no meu ouvido “deixa eu pegar no teu nervo” e foi pegando. Eu nunca tinha ouvido chamar pau de nervo, a gente fez ali na sala do piano, ele deu pra mim, pôs meu pau dentro dele, depois me comeu, doeu pra cacete, mas foi bom... foi muito bom, cara. Desde muito novinho eu já sabia o que eu era, já tinha feito muito troca com troca, mas nada completo, completo daquele jeito, era só roça-roça, nas coxas, nunca tinha enrabado ninguém, nem dado pra ninguém. O Ignácio... sabia tudo. Aquele convento devia ser a maior escola de putaria. Na vez seguinte, ele chupou meu pau, fez eu chupar o pau dele. Eu fiquei deslumbrado. Ele foi... foi meu mestre, cara. No sexo... no amor.

NISHI – (*gozador*) Na música...

GUSTAVO – Ah, vá! Não esculhamba. Eu amei ele, cara. Puta que o pariu, como eu amei ele. Dois anos... De solfejo e sacanagem. Claro que os padres descobriram, me expulsaram... falaram pra minha mãe que era porque eu era repetente e agressivo no futebol. Pelo menos isso. Não contaram pra ela. Pra defender o deles, claro. Se contassem acho que ela me matava. Eu ia no colégio todo dia, não deixavam entrar. Na missa, domingo, ele não estava mais junto com os outros noviços, com os padres... Eu... nunca mais vi o Ignácio. Ninguém sabia dele. Trocaram o professor de música. Nunca mais, cara. Sumiram com ele, que parecia que tinha morrido. Aí, eu tinha dezesseis anos. Saí de casa, enfiei na cabeça que ia encontrar ele, tinha de encontrar. Fui embora da minha cidade pra fazer o colegial. Logo a gente se conheceu. Aos poucos eu fui superando. Vocês dois, o Zé, vocês foram a minha salvação, cara. Sério mesmo.

TOMÁS – Putz!

NISHI – Nossa! Você nunca falou disso, Gus. Esses anos todos...

GUSTAVO – É. Acho que só agora é que eu entrei em contato com essa dor outra vez. Botei uma tampa em cima, saca? Quando você esconde até de você mesmo?

TOMÁS – É.

NISHI – Alguma coisa a gente sempre “tampa”.

GUSTAVO – (*tempo*) Vocês estão com dó de mim. Odeio que sintam dó de mim. Garanto que vocês também têm coisa guardada que não bota pra fora a vida inteira. Tô certo? Por trás dessa pose de doutor o que que tem, Tom? Atrás dessa “serenidade” oriental o que que tem, Nishi?

TOMÁS – Eu não tenho pose de doutor. Tenho?

GUSTAVO – Não tem, Tom. Desculpe. Eu que tô mexido com essa história. Com este encontro da gente também, acho.

NISHI – Eu passo essa imagem de serenidade?

GUSTAVO – Oriental sempre tem essa máscara.

NISHI – Máscara?

GUSTAVO – Pô, que merda. Eu tô cagando tudo. Não é isso que eu quero dizer.

TOMÁS – A gente entende, Gus. É uma reserva, uma contenção que acho que é mais que cultural. É étnica.

NISHI – Você também sente que eu sou... reservado, digamos.

GUSTAVO – Sempre foi, cara.

NISHI – Nossa! Quantas revelações esta noite. Achei que tinha a maior confiança entre nós três. Nós quatro, o Zé também.

TOMÁS – E tem, Nishi.

GUSTAVO – Claro que tem, porra. Mas cada um do seu jeito. Eu sempre fui o grosso, povão. Você, essa mistura de geisha e samurai. O Tomás Turbando, o bacana de família boa.

Breve riso.

NISHI – Mas eu não senti muito o peso da cultura japonesa na minha família. Quer dizer, meu pai era filho de imigrante, imigrante é sempre choque cultural na base, né? Meu avô nunca aprendeu português. Acredita? Mais da metade da vida no Brasil e não falava. Eu cresci ouvindo japonês, ele contava história pra gente em japonês. Meu pai entendia, mas não falava. Negava a origem. Queria se inserir. Era brasileiro. Só usava o nome brasileiro dele. Se pudesse acho que mudava até o sobrenome. Só tinha amigo brasileiro. Fazia tudo o que eles faziam. Eu tinha treze anos, ele me levou num puteiro. Imagina! Cidade de interior, ainda tinha essa instituição: o bairro da luz vermelha. Anos 80, já se transava com

liberdade, mas o pessoal mais velho, meu pai inclusive, ainda tinha essa ideia.

GUSTAVO – E foi bom?

NISHI – Foi uma merda. Acho que ele conhecia a mulher. Devia ser cliente dela. Eu fiquei chocado com aquela ideia dele cornear minha mãe com uma puta. Mas tinha de obedecer. Ela foi legal. Sacou que eu era virgem, não sabia nada. Me mostrou como era, me fez pegar nos peitos dela, na xoxota.

GUSTAVO – Deus me livre!

NISHI – Ah, Gus, vá me dizer que você nunca viu uma buceta pessoalmente?

GUSTAVO – Ver, eu vi. Mas nunca peguei. Só de pensar no cheiro. Acho que eu gosto é de cheiro de merda, né?

TOMÁS – *(ri)* Putz que grossura, Gus!

NISHI – Grosso e misógino.

GUSTAVO – Ah, não me encham o saco vocês dois. *(para Nishi)* E você comeu ela?

NISHI – Trepei. Mas foi uma coisa fria, técnica. Eu era o maior punheteiro, tinha lá minhas fantasias. Mais com homem que com mulher.

GUSTAVO – Nunca fez uma meia?

TOMÁS – Meia?

GUSTAVO – Troca-troca.

NISHI – Fiz, claro. Mas nada completo. Igual você. Foi depois dessa experiência que eu ganhei mais desenvoltura, mais coragem. Começou minha vida sexual pra valer.

TOMÁS – Com homem e com mulher.

NISHI – É. Com os dois.

GUSTAVO – E seu pai não tentou te controlar depois?

NISHI – Não. Ele nunca mais tocou no assunto. Tinha cumprido o dever dele de pai. Só minha mãe, anos depois, um dia perguntou se eu não ia casar, ter filho. Eu respondi com franqueza.

GUSTAVO – O quê?

NISHI – Que eu era bissexual.

GUSTAVO – E ela?

NISHI – Não perguntou mais.

TOMÁS – Hum...

NISHI – Você acha complicado?

TOMÁS – Pra falar com franqueza, acho. Como dá pra estabelecer um relacionamento afetivo, amoroso, permanente com os dois sexos?

NISHI – Nada é permanente.

TOMÁS – Sei. Então você alterna relacionamentos com homem e com mulher. Isso é a bissexualidade.

NISHI – Pode ser.

GUSTAVO – *(para Tomás)* Olha a reserva do japa. Escorrega que nem peixe.

NISHI – *(ri)* É. Sabe como diz peixe em japonês?

GUSTAVO e TOM – *(juntos)* *Sakana.*

Breve riso.

NISHI – Não é complicado. É complexo. Eu posso ter duas relações abertas ao mesmo tempo. Uma com cada sexo. E ser fiel nas duas. Quando estou com uma mulher sou hetero, quando estou com um homem sou homo. E me basta, enquanto tem algum amor.

TOMÁS – O ideal seria casar com um casal, né?

NISHI – Também. Igual toda relação, às vezes dá certo, às vezes não. Como eu contei.

TOMÁS – Parece que Freud disse isso em algum lugar, não foi? Que o casal ideal é de três.

NISHI – As variações entre heterossexualidade e homossexualidade são infinitas.

GUSTAVO – O sexo é infinito.

Breve silêncio.

GUSTAVO – Tomás eu vou te confessar uma coisa: não era por tesão que eu queria transar com você. Eu achava que você era daqueles machão que não sabe trepar, que não olha pra mulher, vai na punheta vaginal, amante egoísta de língua dura e saliva fria.

NISHI – *(ri)* Que horror de descrição.

GUSTAVO – Não. Tô brincando. Tô exagerando. Mas eu queria transar com você pra te ensinar os prazeres do sexo.

TOMÁS – (*breve tempo*) Talvez essa intuição não estivesse toda errada. Acho que eu confundia um pouco quantidade com qualidade. Sabe, ao contrário do que parecia, eu comecei a vida sexual tarde. Com dezoito anos. Um pouquinho antes de entrar pra faculdade.

GUSTAVO – O quê?! Você era virgem quando a gente se conheceu?

TOMÁS – Não. Mas tinha começado a transar fazia pouco tempo. Por isso que queria comer todas.

NISHI – Em busca do tempo perdido.

TOMÁS – Meu primeiro contato sexual foi com uma menina da minha cidade que todo mundo considerava meio biscate. Era avançada pra época numa cidade pequena, malhava com todo mundo. E aí um menino bem mais novo que eu, eu devia ter uns quinze... não, eu tinha uns dezesseis anos, quase dezessete, ele tinha uns catorze no máximo, ele convidou essa moça que chamava Flor, pra ir pro sítio da família dele. E fomos, de ônibus pela estrada de terra, ela, eu e ele... que eu nem me lembro o nome desse cara, filho de uma amiga da minha mãe... E aí, ela tinha ido por minha causa, porque eu era mais velho, já tinha barba... Mas eu não... foi o meu primeiro beijo de língua, que me surpreendeu um pouco porque ela era bem sambada. Mas eu não tinha hormônio suficiente. Não me estimulou, não me excitou a ponto de eu perder a virgindade com ela. E ele não. O outro menino, mais novo que eu, tava fervendo de hormônios, dava pra sentir o cheiro. Tinha uma agressividade, um impulso animal nele. E aí, depois que eu dei uns amassos nela, uns beijos de língua, peguei nos peitos dela, o que me excitou pouco, era a vez dele. E ele foi com um ímpeto... ele era mais baixo que ela, menor do que eu, mas foi com um ímpeto de virilidade que parecia um... e despertou nela a mesma coisa. Pareciam dois bichos, dois tigres no cio, no meio da natureza, no meio do mato. Foi muito bonito de ver. E ver os dois transando me excitou mais do que tinha me excitado o meu contato com ela. Foi o que precipitou a minha maturidade sexual. Comecei a transar porque estava procurando aquela sensação, aquele... ímpeto sagrado.

NISHI – Opa! Ímpeto sagrado é forte.

GUSTAVO – Ah, falou bonito, vai? Eu sinto isso aí.

NISHI – O quê?

GUSTAVO – Que tem uma coisa sagrada no sexo.

NISHI – Ah, Gus. Você?

TOMÁS – *(para Nishi)* Eu. Não posso? Você não sente?

NISHI – É, concordo. Mas acho que vocês dois estão falando de coisas diferentes.
(para Gustavo) Pra você o sagrado é o gozo, o... transporte, o orgasmo, a *petit mort* dos franceses, não?

GUSTAVO – E não é?

NISHI – *(para Tomás)* Mas acho que você tá falando de outra coisa. Do sexo com amor. Que conecta as pessoas. O sexo gerador.

TOMÁS – Olha. Eu tô indo cada vez mais pro lado da antropologia, né? Tem uma noção bonita, acho que do Mircea Eliade...

GUSTAVO – Quem?

TOMÁS – ...que quando Deus cria o homem ele cria um criador capaz de gerar homens também.

NISHI – Seres humanos.

TOMÁS – Seja, humanos. Vem daí a circuncisão: sacrificar um pedaço do órgão criador pra divindade.

NISHI – Bem machista.

TOMÁS – Não importa. O que eu quero dizer é que mesmo numa religião que acabou sendo conservadora, repressora, como a católica...

NISHI – Mais como o cristianismo em geral, eu acho.

TOMÁS – Claro. Mesmo nas religiões cristãs repressoras, há uma simbologia sexual na base da relação do homem... do ser humano com o sagrado.

GUSTAVO – Puta que o pariu! Nada como ter amigo inteligente. Que incrível esse papo. Eu vou sair daqui doutor. E santo. Porque se sexo é a celebração do sagrado eu já posso ser papa.

NISHI – Eu discordo. Não se pode dizer que o sexo hoje está sempre ligado à reprodução.

TOMÁS – É verdade. Mas é o mesmo aparelho, o mesmo sistema. O que determina a atração sexual é o impulso de reprodução. Não tem dois aparelhos sexuais: um pro prazer, outro pra reproduzir. É tudo um só.

GUSTAVO – Espera aí. Não tô entendendo. Você tá dizendo que tesão é sempre pra reproduzir?

TOMÁS – No fundo, é.

- GUSTAVO – Caceta! Nunca ouvi nada mais conservador, mais careta na minha vida. Vai se foder, Tomás. Eu, nunca nem me passou pela cabeça ter filho. E o meu “aparelho” sexual funciona muito bem.
- NISHI – Em termos lógicos, sexo é instrumento de perpetuação da espécie. Mas na real não é assim tão simples e objetivo. Atração sexual depende de uma porção de fatores: culturais, químicos, físicos. É uma coisa completamente subjetiva. O inconsciente, a história pessoal de cada um determina uma porção de coisa. Não tem esse fundo comum único que você vê.
- TOMÁS – É. Tem muitas condicionantes, mas o que eu estou dizendo é exatamente isso. Que tem um fundo comum. Sexo por prazer e sexo pra reprodução é um mecanismo só.
- GUSTAVO – Que saco. Quando eu estou achando que vocês estão me dando um sentido sagrado pro sexo e que eu posso foder à vontade que vou pro céu de qualquer jeito, vocês mudam de direção e fica sendo só resultado de condicionamento?!
- NISHI – Mas a moral vigente pode ser até mais determinante que os fatores individuais. Aí que entra a religião.
- TOMÁS – Você tá falando da religião enquanto instituição?
- NISHI – É.
- TOMÁS – Eu tô falando do sagrado anterior à religião. Enquanto as religiões se organizarem como estados, vai prevalecer a moral de pecado, de transgressão ligada ao sexo.
- NISHI – Então.
- TOMÁS – Enriquecimento ilícito não é pecado. A indústria farmacêutica criminosa não é pecado. Trocar a floresta por monocultura, acabar com a reserva de petróleo, acabar com um país por causa do petróleo não é pecado. O mercantilismo capitalista não é pecado. Trepar é. Sempre.
- GUSTAVO – Caralho! Agora eu tô me sentindo um bosta. Eu sou um mercantilista capitalista e trepo com quem quiser trepar. Acho a indústria farmacêutica uma maravilha. Nunca se teve tanto remédio pra tanta doença. Monocultura pra alimentar gado e produzir comida é progresso, não é... pecado. (*tempo*) Não?
- NISHI – Você acredita em progresso ilimitado? Que progresso não tem fim? Que a gente pode ir sempre pra frente, pra frente, pra frente, sem limite?

GUSTAVO – Porra. E não é?

TOMÁS – Se a gente não coloca limite, a natureza acaba colocando.

GUSTAVO – Mas a gente tá muito melhor hoje que cem, duzentos atrás. Apesar de tudo.

TOMÁS – Claro. Mas não sei se esse progresso elevou o nosso nível de consciência. O que diferencia a gente dos outros seres vivos é o nosso nível de consciência.

NISHI – Mas a consciência perde o sentido se não tem o sentido do sagrado. É isso?

TOMÁS – Isso.

NISHI – *Deru kugi wa utareru.* O prego que se destaca leva martelada.

Silêncio. Troca de olhares, ninguém entende direito, talvez nem o próprio Nishi.

GUSTAVO – Espera aí. Mas do jeito que entendo, sagrado é justamente não ter limite. O sagrado tá além de tudo. Antes e depois. Tô certo?

Tempo.

NISHI – Certíssimo.

TOMÁS – É. A gente perdeu o contato com o sagrado.

Longo silêncio.

Os três de olhos baixos, fechados em si mesmos.

GUSTAVO – Deus está morto...

Tempo.

Tom e Nishi trocam um olhar. Olham para Gustavo.

Sorriem.

GUSTAVO – O quê? Eu vivia citando Nietzsche na faculdade.

NISHI – Eu lembro.

TOMÁS – É.

Tempo.

GUSTAVO – Pra justificar a libertinagem, claro, apagar a culpa da sacanagem. Mas hoje eu sinto que é verdade. Deus está morto.

NISHI – No sentido de que nenhuma religião faz a ponte com o sagrado.

TOMÁS – Sem Deus a gente tem de encontrar sentido só em si mesmo, sem uma referência de outra ordem.

GUSTAVO – Sem sagrado.

TOMÁS – Sem sagrado a condição humana...

NISHI – É trágica.

TOMÁS – Trágica?

Tempo.

NISHI – Não?

TOMÁS – É. Trágica.

GUSTAVO – Caralho...

Longo silêncio.

Nishi pega o violão, dedilha acordes.

GUSTAVO – Caralho... Não sei nem o que dizer. Acho que eu nunca me abri tanto com ninguém que nem hoje aqui com vocês.

Tempo.

TOMÁS – Pra falar a verdade, eu também não. Nunca tinha contado minha primeira experiência pra ninguém. Nem pra minha mulher.

NISHI – É.

Tempo.

NISHI – E eu acho que nunca fui menos japonês escorregadio do que hoje, né?

TOMÁS – Como é que a gente conseguiu conviver tanto sem nunca falar dessas coisas?

GUSTAVO – E agora... Nós três falamos, falamos e parece que não dissemos nada. Nós quatro, os reis do papo-cabeça. Capitalismo, esquerda, direita, socialismo, utopia...

TOMÁS – Ninguém discute mais. É só palpite, opinião pessoal...

NISHI – Tudo superficial. Só informação.

GUSTAVO – Informe.

NISHI – É. Sem forma.

TOMÁS – Sem formação.

GUSTAVO – Puta que o pariu, que... que... oco. Nós três...

Tempo

NISHI – Três homens em Tóquio.

TOMÁS – Vinte e cinco anos depois...

OS TRÊS, QUASE JUNTOS – Vinte e três.

Longo tempo.

Nishi começa a tocar uma música que demora para se definir.

É Sinal fechado, de Paulinho da Viola.

Enquanto ele canta a luz cai muito lentamente.

NISHI – (*canta*) Olá, como vai ?

Eu vou indo e você, tudo bem?

Tudo bem eu vou indo correndo

pegar meu lugar no futuro, e você?

Tudo bem, eu vou indo em busca

De um sono tranquilo...

TOMÁS – Quem sabe ...

NISHI – Quanto tempo...

NISHI e GUSTAVO – Pois é... Quanto tempo...

GUSTAVO – Me perdoe a pressa

é a alma dos nossos negócios

NISHI – Ô! Não tem de quê,

eu também só ando a cem.

Quando é que você telefona ?
Precisamos nos ver por aí.
Pra semana, prometo talvez nos vejamos

TOMÁS – Quem sabe ?

NISHI – Quanto tempo... pois é... (pois é... quanto tempo...);
Tanta coisa que eu tinha a dizer,
mas eu sumi na poeira das ruas.
Eu também tenho algo a dizer,
mas me foge a lembrança.
Por favor, telefone, eu preciso
beber alguma coisa, rapidamente.
Pra semana.
O sinal ...
Eu espero você
Vai abrir...
Por favor, não esqueça,
Adeus...

A luz finalmente se apaga.

No black out, o som da orquestra gravada que começou pouco antes domina o violão de Nishi.

FIM

São Paulo, 3 de maio de 2018